

Corpos em jogo, representações em disputa: o racismo contra jogadores brasileiros em clubes europeus

Bodies at play, representations in dispute:
racism against brazilian players in european Clubs

Fabíola Jerônimo Duarte de Lira

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, Brasil
Doutoranda em Linguística, UFPB
fabiolla-mf@hotmail.com

RESUMO: Este artigo investiga, a partir de um episódio de racismo envolvendo o jogador Vinícius Júnior, como as representações sociais e as imagens de controle atuam na construção da percepção sobre jogadores negros brasileiros que atuam no futebol europeu. A análise se concentra nas interseções entre raça, nacionalidade e classe social, evidenciando que o futebol, especialmente no contexto europeu, está longe de ser um espaço neutro ou meramente voltado ao entretenimento. Na verdade, trata-se de um campo de disputas simbólicas e políticas, onde corpos negros ainda enfrentam barreiras para serem reconhecidos em sua humanidade e competência. Apesar das violências que enfrentam, jogadores, como Vinícius Júnior, protagonizam formas potentes de reexistência, desafiando os silenciamentos históricos impostos à negritude e reafirmando, por meio de sua presença e desempenho, o direito de ocupar e ressignificar o futebol como um espaço que valoriza, respeita e celebra a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Futebol; Racismo; Representação; Imagens de controle.

ABSTRACT: This article investigates, based on an episode of racism involving the player Vinícius Júnior, how social representations and controlling images shape the perception of Brazilian Black players in European football. The analysis focuses on the intersections of race, nationality, and social class, highlighting that football, particularly in the European context, is far from being a neutral space or merely a form of entertainment. Rather, it constitutes a field of symbolic and political disputes, where Black bodies still face barriers to being recognized in their humanity and competence. Despite the violence they endure, players such as Vinícius Júnior embody powerful forms of re-existence, challenging the historical silencing imposed on Blackness and reaffirming, through their presence and performance, the right to occupy and re-signify football as a space that values, respects, and celebrates diversity.

KEYWORDS: Sport; Football; Racism; Representation; Controlling images.

INTRODUÇÃO

O esporte ao longo do tempo vem se consolidando como uma ferramenta de inclusão social, “oportunizando o crescimento pessoal, fortalecimento da autoestima e superação de barreiras sociais [...]”.¹ No Brasil, esportes como o futebol têm possibilitado que jogadores, antes atravessados por desigualdades sociais, alcancem carreiras consolidadas em grandes clubes europeus. Esse fato expõe o quanto os jogadores brasileiros são conhecidos pelo talento e estilo único no que fazem.

Entretanto, a midiaticização de situações racistas vivenciadas por jogadores brasileiros na Europa durante partidas de futebol ou fora dos campos, tem mostrado que o futebol, sobretudo europeu, é ainda um espaço perpassado por preconceitos, uma vez que não está imune às hierarquias estruturais que organizam essa sociedade, principalmente por apresentar uma origem elitizada.

Apenas em 2023, segundo dados do Observatório da Discriminação Racial, os casos de racismo no futebol aumentaram de 38,77% em relação ao ano de 2022, demonstrando, assim, que os efeitos de sentidos sobre a raça negra e as formas de representações construídas pela branquitude vêm consolidando a permanência de distinções sociais e tentativas de aniquilamento de corpos racializados. Algo que torna urgente e relevante a pauta acerca de como as questões de raça em intersecção com gênero, classe social e nacionalidade são pensadas e representadas através do esporte.

Diante disso, objetiva-se analisar como as representações sociais e as imagens de controle operam na construção da percepção sobre jogadores negros brasileiros que atuam no futebol europeu, evidenciando, por meio de agressões racistas direcionados a Vinícius Júnior, a estruturação de um contínuo de violência e desumanização que reforça estereótipos historicamente associados à negritude, os quais, além de limitar as possibilidades de representatividade positiva, legitimam práticas discriminatórias que atravessam o cotidiano desses jogadores, tanto dentro quanto fora dos campos.

¹ SHIGUERU; SCHWAMBAC. O esporte como uma forma de superação dos atletas com necessidades especiais, p. 62.

Em termos metodológicos, a pesquisa configura-se como qualitativa, de natureza exploratória e interpretativista. Quanto à estrutura, inicia-se com uma discussão sobre o poder da representação e a origem histórica do futebol, compreendido não apenas como prática esportiva, mas também como espaço simbólico atravessado por disputas de poder, identidade e pertencimento. Na sequência, mobilizam-se o conceito de imagens de controle, formulado por Patricia Hill Collins (2019), e a noção de representação, desenvolvida por Stuart Hall (2016), que funcionam como ferramentas analíticas para compreender os mecanismos discursivos que sustentam a construção social da negritude no esporte. A análise será conduzida sob uma perspectiva interseccional, considerando os marcadores sociais da diferença, como raça, classe e nacionalidade.

Como resultado, conclui-se que o futebol opera sob lógicas estruturais de exclusão racial, especialmente no contexto europeu. Através da experiência de Vinícius Junior, foi possível observar como os marcadores sociais da diferença se entrelaçam na construção de representações que desumanizam jogadores negros e legitimam práticas discriminatórias, tanto nos campos quanto nas redes sociais. No entanto, o posicionamento público de atletas como Vinícius Junior rompe com o silenciamento historicamente imposto à negritude e contribui para que o futebol se torne, de fato, um espaço de reconhecimento, reparação e representatividade, desafiando a lógica racista que ainda busca determinar quem pode ou não ocupar o cenário esportivo mundial.

O PODER DA REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS NEGRAS FORA DOS CAMPOS

O significado que damos as coisas e as pessoas ao nosso redor decorre do sentido que atribuímos ao uso ou à relação com cada uma delas e a forma como as nomeamos. Diante disso, entende-se que é “o uso que fazemos de uma pilha de tijolos com argamassa que faz disso uma “casa”; e o que sentimos, pensamos ou dizemos a respeito dela é o que faz dessa “casa” um “lar”.²

² HALL. *Cultura e representação*, p. 22.

O processo de significação que atribuímos ao mundo resulta basicamente da maneira como nos relacionamos com tudo aquilo que está ao nosso redor, inclusive as pessoas. Entretanto, o sentido também pode ser atribuído por intermédio da forma como as coisas e pessoas são representadas, isto é, “as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos”.³

A representação, desse modo, apresenta duas potencialidades: a primeira, é a exteriorização subjetiva das concepções acerca daquilo que está presente no mundo, ou melhor, surge perpassada por uma ideologia pessoal; a segunda é o caráter de unanimidade, visto que, de modo cíclico, a representação passa a ser replicada para o meio externo intensificada por um conjunto de percepções subjetivas resultantes das próprias experiências no mundo, e com o tempo e de acordo com os interesses sociais e pessoais, a representação ganha a dimensão de coletividade.

É na dimensão de coletividade que inverdades podem ser propagadas e aceitas como verdades absolutas e intransponíveis, posto que a cultura tem o poder de tornar significados comuns para a sociedade e fazer com que (in)verdades sejam aceitas e continuadas independente do “período, situação e contexto”.⁴ Por consequência, ideologias são partilhadas e passam a operar em diversos espaços de forma naturalizada.

E a mídia, aparentemente inofensiva e despretensiosa, tem introduzido no imaginário social representações “de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca”⁵ e são, quase sempre, “construídas por pessoas brancas que não se despiram do racismo, ou por pessoas não brancas ou negras que vejam o mundo pelas lentes da supremacia branca – o racismo internalizado”.⁶

Por mais que seja complexo o fato de pessoas negras produzirem representações que intensificam o racismo, isso apenas mostra o quanto esse utiliza-se de representações e estereótipos para produzir discursos que afetam pessoas negras e

³ HALL. *Cultura e representação*, p. 21.

⁴ HALL. *Cultura e representação*, p. 68.

⁵ HOOKS. *Olhares negros: raça e representação*, p. 28.

⁶ HOOKS. *Olhares negros*, p. 28.

levam-nas, em alguns casos, a rejeitarem a própria raça, recorrendo a mudanças físicas e comportamentais que as aproximem dos padrões da branquitude e, possivelmente, tornem-nas mais “aceitáveis” no meio social.

Todavia, ao mesmo tempo em que as representações favorecem à discriminação, elas também têm sido utilizadas como um meio de transformar e subverter imagens que afetam a autoafirmação de corpos perpassados por ideologias racistas. Por isso, “é mais evidente que o campo da representação permanece sendo um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras”.⁷

À vista disso, a importância dessa análise crítica acerca das representações deriva do entendimento de que a branquitude tem usado a presença de pessoas negras em certos espaços como uma estratégia de manipulação, a chamada falsa representatividade, dado que, ao invés das imagens de pessoas negras serem usadas como exemplo de resistência às perversidades do racismo, acabam instigando, sem que percebam, novas formas de opressões e estigmatizações.

Persistir em desarticular formas de representações é um anseio por reconhecer que a diferença somente existe quando é vantajoso e cômodo para alguém percebê-la. No caso das diferenças resultantes da raça e gênero, no período escravagista, elas foram vistas como importantes para serem observadas, propagadas e enraizadas na sociedade, posto que as hierarquias, as desigualdades e, precipuamente, o racismo não existiriam sem o olhar ganancioso sobre o outro e o apontar dos aspectos que o torna inferior.

Do mesmo modo, na atualidade, a raça e outros marcadores sociais ainda são utilizados para o apontar das diferenças, porém precisam ter seus sentidos refletidos, não de forma isolada, mas sim, de forma interseccional e em articulação com categorias como as de sexualidade, classe social e nacionalidade, para que seja possível compreender como as frentes de opressões são reajustadas e controlam, de formas habilidosa, as vidas de corpos minorizados.

Para refletir sobre como o entrecruzamento desses marcadores sociais produz formas de opressão que dificultam ou retardam a inserção da população negra

⁷ HOOKS. *Olhares negros*, p. 31.

em determinados espaços, discute-se, a seguir, de que modo os sentidos acerca dos marcadores de raça, classe social e nacionalidade foram utilizados para inviabilizar, em um primeiro momento, a presença de jogadores negros no futebol brasileiro e, posteriormente, para consolidar desigualdades que, ainda hoje, permanecem dentro e fora dos campos de futebol.

O PODER DA REPRESENTAÇÃO DENTRO DOS CAMPOS

O futebol por muito tempo foi considerado uma prática reservada aos homens brancos da elite, visto que seu surgimento é marcado pela influência de dois jovens brancos privilegiados, Oscar Cox e Charles Miller,

que foram estudar na Inglaterra e trouxeram o esporte para sua terra natal por volta de 1890. Em um país no qual boa parte da população não sabia ler e escrever, estudar na Europa e ter pai fundador do Rio Cricket de Niterói, como é o caso de Oscar Cox, ou pai vice-cônsul da coroa britânica, caso de Charles Miller, dizia muito sobre a origem brasileira do esporte. Para além disso, os nomes das posições eram todos em inglês e os jogadores de origem europeia.⁸

A origem do futebol, portanto, é elitista e racista, visto que ele foi introduzido no país através de jovens brancos, de alto poder aquisitivo, pertencentes a famílias renomadas e de origem estrangeira, o que significa dizer que somente quem era branco e abastado financeiramente poderia frequentar um clube. Esse legado de privilégios e o desejo de manter o futebol como um esporte de homens brancos e ricos perdurou por muitos anos no Brasil, até que a primeira ruptura significativa ocorreu com Arthur Friedenreich, considerado o primeiro grande jogador brasileiro de pele escura. Sua ascensão representou um momento em que o futebol começava a abrir-se para a diversidade racial. Por isso, o futebol brasileiro afastou-se um pouco de sua origem para “[...] engrandecer também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço”.⁹

Essa mudança refletia o anseio de tornar o futebol um esporte mais popular, capaz de agradar a um público amplo e diverso. Contudo, para atender a essa nova

⁸ CHEIBUB. *Cultura em campo: entre o elitismo e a popularização do futebol*, p. 17.

⁹ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 25.

demanda, os grandes clubes adotaram estratégias de embranquecimento de jogadores negros, com alterações estéticas que camuflavam os traços da raça, “como usar toucas para esconder o cabelo crespo ou passar pó de arroz na pele”.¹⁰ Demonstrando, assim, o desejo de apagar os traços característicos da raça, a fim de preservar o estereótipo socialmente aceito, ou seja, o mais próximo possível do padrão da branquitude.

Quando isso não era possível, isto é, o jogador recusava-se a aceitar tal imposição, buscavam observar o talento de jogadores negros como maior do que a cor da pele que possuíam. Por isso, na década de 50 “um preto no Fluminense não é preto para o Fluminense. É tratado como branco”.¹¹ Todavia, em alguns momentos, conforme o interesse, o talento não era suficiente. A exemplo,

na disputa do Campeonato Sul-Americano de 1921, o então presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou aos diretores da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) que apenas jogadores brancos fossem convocados para representar a seleção, sob a justificativa de preservar a reputação do Brasil aos olhos dos outros países.¹²

Esse episódio expôs o racismo que permeava o futebol e reforçou a ideia de que a representatividade negra, assim como em outros espaços sociais, era constantemente usurpada pela cultura do branqueamento. É por isso que Pelé, como um homem negro no futebol, além de varrer barreiras raciais,

tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da terra. Quem bate palmas para ele bate palma para um preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como a avó, como o tio, como os irmão. Para exaltá-lo, exalta o preto.¹³

A postura de Pelé no futebol representou uma forma de resistência ao branqueamento e à noção de que a aceitação dependia da comparação com um branco. Em um contexto em que as opressões racistas eram mais intensas e explícitas, talvez ele próprio não tivesse plena consciência de que “a imagem negativa do negro no

¹⁰ NASCIMENTO; SANTOS. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro: uma luta antirracista para além do campo de futebol, p. 9.

¹¹ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 17.

¹² HORA. O racismo no futebol brasileiro, p. 18.

¹³ FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 17.

esporte foi atenuada a partir das várias vitórias da seleção brasileira, principalmente, pela impressionante habilidade e talento de Pelé”.¹⁴

Por outro lado, enquanto Pelé surge na Copa de 58 como um fenômeno negro no futebol, ele também foi “utilizado de diversas formas, para evidenciar o que seria o comportamento esperado de um “bom negro” em contraposição ao que seria um negro indesejado em nossa sociedade, materializado e exemplificado no Garrincha”.¹⁵ Logo, percebe-se que a atuação de Pelé foi utilizada pela branquitude para consolidar a ideia de que um jogador negro não poderia ser menos que o ídolo do futebol brasileiro. Somado a isso, o Brasil não “tardou a ser reconhecido no exterior como a superpotência do futebol, pátria de Pelé e dos maiores estádios”,¹⁶ algo que, necessariamente, impôs aos jogadores negros brasileiros, tanto por parte dos torcedores quanto dos clubes, a pressão de igualar ou superar o desempenho de Pelé.

Em muitos casos, quando o desempenho dos jogadores negros em campo é destoante do esperado, torcedores e, até mesmo, membros dos próprios times, recorrem à quatro formas de discriminações:

As ironias são o que há de mais comum na sociedade brasileira, já que, por serem apresentadas em tom de brincadeira, tornam-se mais facilmente resolvidas diante de qualquer problema posterior que possa ocorrer. Em outro expediente também comum, costuma-se tratar os jogadores como crioulos, burros, macacos, pretos, um artifício para conotar valores negativos a quem é chamado desta forma, assim como, em num momento conflituoso, tem o objetivo nítido de ofender, agredir e humilhar racialmente. Outra forma também é aquela rivalidade manifesta pelo sentimento de superioridade, ou seja, o jogador não admite que esteja perdendo ou sendo superado por um jogador negro.¹⁷

Embora tais termos e atitudes sejam inaceitáveis, dentro ou fora de campo, a mídia, em especial as redes sociais, tem apresentado episódios em que jogadores negros, mesmo após deixarem os gramados, continuam sendo alvo dessas expressões ou de outras formas de desumanização. Assim, ataques presenciais e virtuais tornaram-se rotina na vida desses atletas, sobretudo daqueles que atuam em clubes de países europeus. Isso porque, além de o neocolonialismo europeu ter consolidado

¹⁴ VIEIRA. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro, p. 226.

¹⁵ VIEIRA. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro, p. 228.

¹⁶ MASCARENHAS. *Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. p. 31.

¹⁷ VIEIRA. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro, p. 227.

o controle da raça branca sobre outros territórios e populações, também reforçou um racismo sustentado pela distinção hierárquica entre as raças, colocando a raça branca no topo dessa escala, ou melhor, em primeiro lugar “os europeus; em segundo lugar, as raças orientais; em terceiro, os indígenas americanos; e, por último, os negros africanos”.¹⁸

Diante desse cenário, fica evidente que as agressões contra jogadores negros, ocorram elas no Brasil ou na Europa, por exemplo, têm a mesma raiz: um racismo estrutural que insiste em manter a raça negra à margem, reforçando sua suposta condição de inferioridade em qualquer espaço social. É um mecanismo perverso que, de maneira incessante, tenta impedir que grupos historicamente minorizados rompam com a lógica colonizadora e desafiem os privilégios da branquitude.

OS ARRANJOS REPRESENTACIONAIS DOS MARCADORES SOCIAIS NA CONSERVAÇÃO DAS IMAGENS DE CONTROLE

Como dito anteriormente, a diferença surge no meio social através de interesses e discursos históricos que consolidaram a distinção entre o eu e o outro, entre aquilo que é aceito e negado em alguns, ou ainda, entre aquilo que os humaniza ou desumaniza. Sendo assim, os marcadores sociais da diferença são categorias socialmente utilizadas para delimitar aquilo que cada sujeito é dentro dessa conjuntura, ao passo em que mobilizam desigualdades, sobretudo àquelas relacionadas à raça, tendo em vista que um marcador social da diferença carrega em si o sentido daquilo que o sujeito é ou deixa de ser a partir da lógica da dominação.

Por isso, é reconhecido que os marcadores sociais apresentam significados que tanto podem ser fixos, quanto podem ser transformados com base no tempo e espaço, bem como “criam arranjos identitários que posicionam indivíduos em relações de poder desiguais, muitas vezes opressoras e violentas[...]”.¹⁹ Um exemplo disso é “que a disparidade do tratamento e posição social da raça negra no período

¹⁸ NASCIMENTO; SANTOS. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro, p. 10.

¹⁹ BEZERRA. *Linguística aplicada transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar*, p. 47.

da escravidão estruturou-se não apenas com base em fatores biológicos, mas em um confronto de poderes, no qual o lado mais tênue foi subjugado”.²⁰

Aqueles que pertenciam à raça negra foram considerados como naturalmente selvagens e submissos em um momento histórico no qual a raça branca, representada por um império em ascensão, passou a dominar diversos espaços por meio do poder e força, ao mesmo tempo em que elevava os corpos negros à condição de objetos não somente por associar à raça negra à natureza e, conseqüentemente, à falta de civilização, mas também pelo aspecto físico, isto é, usar justificativas pseudocientíficas, como a formação craniana, para sustentar “uma provável confirmação da pouca intelectualidade que achavam que os negros possuíam”.²¹

Associar aspectos físico a uma selvageria posta como natural foi crucial para a instauração da diferença entre as raças negra e branca, bem como para o fortalecimento de uma política racializada de representação, uma vez que, “se as diferenças entre negros e brancos são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são “naturais” - como acreditavam os proprietários de escravos -, estão além da história, são fixas e permanentes”.²²

Assim, o binarismo cultura versus natureza, sustentado pela concepção de que aquilo que é cultural poderia ser ameaçado por uma natureza vista como selvagem e primitiva, contribuiu para a objetificação dos corpos de pessoas negras, associadas a uma raça considerada “selvagem” e “indisciplinada”. Na realidade, essa objetificação e a negação de sua subjetividade constituíram a base das políticas de dominação que marcaram a escravidão, o colonialismo e o neocolonialismo, sustentando, por conseguinte, a construção de hierarquias sociais.

A constante oposição entre os marcadores sociais da diferença, como homem/mulher, preto/branco, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, dentre outros, articula distinções que mantêm relações de superioridade e inferioridade.

²⁰ DUARTE. *Leitura e semiótica: uma análise acerca dos marcadores sociais da diferença e imagens de controle em livros didáticos de língua portuguesa*, p. 44.

²¹ DUARTE. *Leitura e semiótica*, p. 41.

²² HALL. *Cultura e representação*, p. 171.

ridade, ao ponto de promover “o ocultamento da existência daquele que é objetificado”²³ e propagar imagens de controle que têm promovido “discrepâncias sociais, ganhando significados específicos, sobretudo a partir das opressões interseccionais de raça, gênero, idade, classe e sexualidade”.²⁴

Um exemplo prático é o arranjo social que perdurou no período escravagista acerca dos homens. Homens brancos, em um momento no qual o patriarcalismo imperava, eram autoridades sob suas famílias, sendo responsáveis pelo sustento e honra de sua prole. Em oposição a essa lógica, homens negros não eram considerados como realmente sendo homens, pois a raça era a marca social que o impedia de ter direitos iguais aos homens brancos.

Os marcadores de gênero e raça, dessa forma, compuseram um arranjo social que representou para a sociedade do século XIX, por exemplo, o homem negro com tendo seu papel como pai, esposo e cidadão subtraído diante de discursos de desumanização, incapacidade e selvageria. Houve uma tríade de arbitrariedades que eram responsivas à objetificação e utilização dos escravizados como força de trabalho propulsora das aspirações colonialistas e capitalistas.

Outro aspecto a ser considerado é que, enquanto o homem branco ocupava a posição central no patriarcado, as mulheres brancas dedicavam-se, sobretudo, aos cuidados da casa e dos filhos, frequentemente contando com a colaboração de mulheres negras. Estas, por sua vez, tinham seus próprios filhos subtraídos e incorporados ao mercado de trabalho escravizado, ao mesmo tempo em que realizavam tarefas tão extenuantes quanto, ou até mais do que, qualquer homem, branco ou negro. Nesse cenário, o gênero feminino, quando associado à raça negra, era privado dos significados socialmente atribuídos à sensibilidade e à delicadeza, evidenciando como a intersecção entre raça e gênero negava a essas mulheres atributos valorizados socialmente, reforçando sua opressão estrutural.

Foram situações como essas, em que os sentidos atribuídos aos marcadores sociais da diferença eram rearranjados para sustentar ideologias dominantes, que

²³ COLLINS. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, p. 82.

²⁴ BUENO. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*, p. 85.

produziram imagens de controle capazes de posicionar homens negros como submissos, portadores de uma masculinidade considerada inferior à do homem branco e cisheteronormativo. Da mesma forma, mulheres negras eram representadas como resistentes a cargas excessivas de trabalho, eficientes apenas nos cuidados com os filhos de pessoas brancas ou como aquelas cuja existência estaria condicionada à servidão, seja pela necessidade de permanecer em lares de pessoas brancas, seja sob sua tutela.

Essas imagens de controle, além de informar os processos de distinções a partir da lógica binária, funcionam como uma estratégia para manter o controle e a existência do outro na sociedade, dado que “a forma com que as imagens de controle operam no sistema de raça, gênero, sexualidade e classe, de forma mútua e correlacionada, sustenta as práticas sociais que configuradas como matrizes de dominação”.²⁵

Por isso, embora o conceito de imagens de controle tenha sido cunhado dentro do feminismo negro, “a leitura das imagens de controle enquanto uma categoria de análise permite compreender as práticas que caracterizam a matriz de dominação na qual as opressões operam”²⁶ e explica, por exemplo, os sentidos consolidados em relação às identidades ou os traços físicos, como a cor da pele ou a textura do cabelo, tanto de homens quanto mulheres negras, são continuamente usados para promoverem a depreciação desses corpos no meio social.

Ademais, ressalta-se que essas imagens de controle não são fixas, para que “constantemente, novos estereótipos sejam mobilizados pelos grupos dominantes, com o intuito de justificar as violências experienciadas [...]”.²⁷ É por isso que se torna quase impossível resistir às imagens de controle e às representações a partir delas, em virtude dessas estarem em todos os espaços da sociedade aguçando uma indignação e preconceito diante da presença de sujeitos inferiorizados em lugares, profissões ou cargos “diferentes daqueles que lhes foram historicamente destinados”.²⁸

E quando a linha demarcada de subjugação é ultrapassada, corpos dissidentes em espaços antes incomuns, permanecem sendo usados para manter discrepân-

²⁵ BUENO. *Imagens de controle*, p. 19.

²⁶ BUENO. *Imagens de controle*, p. 14.

²⁷ BUENO. *Imagens de controle*, p. 114.

²⁸ BEZERRA. *Linguística aplicada transviada*, p. 77.

cias sociais. Portanto, quando pessoas negras, homossexuais, transexuais ou bissexuais são representadas em livros, revistas, jornais, novelas ou em qualquer outro lugar, é fundamental analisar as representações desses corpos para que eles, ao invés de instigar ao respeito às diferenças e a aniquilação do preconceito diante das suas presenças nesses espaços, não acabem intensificando imagens de controle e fortalecendo desigualdades.

É neste sentido que cada marcador social da diferença que perpassa os sujeitos precisa ser compreendido de forma interseccional para que se desarticulem as frentes de opressões que possivelmente podem ser fortalecidas pelos incontáveis significados que circundam cada um desses marcadores, bem como, para que se crie uma resistência a essas construções sociais, especialmente, no que diz respeito a formação da identidade de corpos aquém dos padrões da branquitude.

UM JOGO CONSTANTE DE REPRESENTAÇÕES E REEXISTÊNCIA

O futebol, embora tenha se tornado uma modalidade global, apresenta “ainda muita diferença no tratamento entre jogadores negros e brancos”.²⁹ No caso de jogadores negros, os campos de futebol têm sido um espaço de confronto e opressões racistas, tanto que, conforme dados do portal Geledés, de 2014 a 2023, o número de casos de racismo no Brasil e no exterior subiu de 36 para 250 notificações. Esses dados são preocupantes diante da ausência de conscientização sobre questões como o racismo. E mesmo com a existência de medidas punitivas, a exemplo da expulsão dos torcedores agressores dos estádios, é comum torcedores de grandes clubes escolherem uma vítima para dissiparem o ódio sobre a raça negra.

Na Espanha, um dos principais alvos de manifestações racistas tem sido o jogador brasileiro Vinícius Júnior, frequentemente comparado a um “chimpanzé” ou “macaco” por torcedores que, sob o pretexto de frustração com o desempenho do jogador ou da equipe, recorrem a insultos que atingem diretamente sua raça. Tais agressões evidenciam uma violência simbólica persistente e naturalizada nos estádios.

²⁹ NASCIMENTO; SANTOS. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro, p. 11.

Um dos episódios de racismo contra Vinícius Júnior ocorreu durante uma partida entre o Real Madrid e Inter de Milão, na Espanha. Na ocasião, antes do início do jogo, torcedores entoaram uma versão distorcida de uma música tradicional, transformando-a em “Alé, alé, alé, Vinícius chimpanzé”. E esse não foi um fato isolado, visto que, segundo dados da BBC News, até 2023, esse tipo de ataque já havia se repetido mais de dez vezes somente em território espanhol, conforme noticiado abaixo.



Fig. 1 - Casos de racismo contra Vini Junior divulgado pela BBC News Brasil em 2023. Fonte: BBC News Brasil.

As agressões inserem-se em uma cultura de dominação que vai além do descontentamento com o desempenho do time ou do próprio jogador. No caso de Vinícius Júnior, sua trajetória é atravessada por marcadores sociais como raça, classe e nacionalidade (preto, pobre e brasileiro). E a análise interseccional desses marcadores sociais evidenciam como as experiências do jogador no futebol europeu têm sido perpassadas por múltiplos sistemas de opressão que atuam simultaneamente, criando formas específicas de subordinação.

Ao ser atravessado por marcadores sociais como preto, pobre e brasileiro, a raça opera na desumanização de seu corpo, reduzindo-o a atributos físicos e constantemente alvo de estigmatização; a classe social, marcada por sua origem periférica e popular, reatualiza a narrativa da inferiorização dos pobres, muitas vezes associada à falta de mérito ou disciplina; e a nacionalidade, por sua vez, reforça uma lógica neocolonial que posiciona o Brasil e outros países do Sul Global em um patamar inferior à Europa.

Então, a junção dos efeitos sociais acerca desses três marcadores diz respeito a um sistema que articula racismo, elitismo e colonialidade, produzindo camadas de opressão que limitam as possibilidades de afirmação e pertencimento de jogadores negros no esporte. Por consequência, quando uma pessoa negra adentra um espaço da branquitude, a principal arma para deslegitimar e aniquilar essa presença é a desumanização, ou melhor, recorrer a representações colonialistas que reduziram a raça negra “aos significados de sua diferença física – lábios grossos, cabelo crespo, rosto e nariz largos e assim por diante”,³⁰ compondo, consequentemente, o estereótipo de uma figura social que poderia ser ridicularizada, além de exposta a contemplação e risos dos brancos.

Ridicularizar jogadores negros em espaços públicos é uma estratégia que compromete a construção de uma visão positiva acerca da própria identidade, posto que, se o vínculo com determinado grupo pode fortalecer o senso de pertencimento, a insistência em expor jogadores negros como estranhos ao jogo, ao estádio, aos torcedores e ao país europeu fragiliza a formação da autoestima e da autoconfiança, não apenas de toda a população negra, mas, especialmente, daqueles que aspiram seguir carreira no futebol.

Assim, o racismo e o colonialismo permitem que, ao deixarem o Brasil para atuar em clubes no exterior, jogadores, como Vinícius Júnior, enfrentem opressões entrecruzadas pela raça, classe social e nacionalidade, posto que, apesar do Brasil ser um dos maiores exportadores de atletas para o mercado global do futebol, muitos desses clubes integram um cenário europeu que ainda mantém formas de dominação política, social e cultural sobre outros continentes. Nesse contexto, a ascensão

³⁰ HALL. *Cultura e representação*, p. 174.

de jogadores brasileiros negros desafia a naturalização desses atletas como pertencentes a grupos inferiorizados e considerados, pela lógica da branquitude, incapazes de integrar a elite do futebol mundial.

Quando jogadores brasileiros negros integram clubes europeus, também são rotineiramente vitimados por uma lógica capitalista que os enquadra em discursos de cobrança permanente: se foram adquiridos por milhões, precisam necessariamente demonstrar resultados, já que “estão sendo pagos para isso”. Essa mesma lógica capitalista impõe que esses jogadores tenham uma desenvoltura semelhante à de Pelé, dado que ele ainda figura como o jogador negro que projetou o futebol brasileiro no cenário esportivo mundial.

Nesse contexto, o racismo que há dentro e fora dos campos europeus opera de forma bidirecional e com alcance global. Por um lado, afeta diretamente os sujeitos negros, sobretudo jogadores brasileiros, ao reproduzir episódios recorrentes de discriminação que não apenas os excluem simbolicamente dos espaços esportivos, mas também reatualizam discursos históricos que colocam em dúvida sua capacidade física, intelectual e emocional. Por outro lado, esse mesmo racismo fortalece a atuação de torcedores, que se sentem autorizados a intensificar os xingamentos e ataques sempre que um jogador não corresponde às expectativas de desempenho.

Apesar dos xingamentos e gestos racistas, como o ato de jogar bananas em campo, serem “tratados e expostos pelos meios de comunicação como uma reação desesperada ou natural do torcedor”,³¹ na verdade, são imbuídos por uma violência simbólica legitimada. A própria redução dos jogadores negros a atributos corporais, como força, velocidade e resistência, constitui outra expressão dessa violência, que não pode ser interpretada como simples frustração esportiva, e sim, como uma engrenagem do racismo responsável por impor limites simbólicos à atuação e à visibilidade desses jogadores.

E essa punição pública em relação a Vinícius Júnior inflama a concepção, para a branquitude, de que é “normal” que jogadores brasileiros negros sejam atacados com atos racistas, tendo em vista que a culpa pela punição seria da própria vítima. Um discurso que posiciona a raça negra como merecedora de uma constante punição

³¹ MEDEIROS. Racismo e injúria racial no futebol brasileiro: um olhar sobre o impacto da informação no esporte p. 55.

social, sendo os campos de futebol um dos lugares públicos onde corpos negros são punidos como animais e agredidos, não por chicotadas, mas por palavras e expressões racistas que podem ferir a identidades e minar a resistência desses corpos.

É nesse sentido que Vinícius Júnior se torna, ao mesmo tempo, um símbolo de resistência e uma afronta direta à imagem de controle que, historicamente, posiciona a população negra como submissa e passível de agressão. Durante o período escravocrata, a ausência de reação diante dos castigos impostos pelos senhores brancos era, muitas vezes, uma forma silenciosa de resistência. Hoje a denúncia pública e a insistência em ocupar espaços conquistados por mérito representam uma nova forma de enfrentamento: uma reexistência. Ao se recusar a ceder diante das violências racistas, Vinícius Júnior desafia os estigmas que ainda pesam sobre corpos negros e traça novos caminhos para romper com a lógica que aniquila a presença da população negra nos espaços de prestígio.

Ao entrar em campo ou denunciar publicamente os ataques racistas que sofre, Vinícius Júnior mostra que sua trajetória faz parte de um movimento coletivo que confronta os limites simbólicos e estruturais impostos pelo racismo, reivindicando pertencimento, protagonismo e dignidade. A presença desse jogador configura-se como uma representação combativa contra às imagens de controle que historicamente associam a raça negra à pobreza, subalternidade e selvageria. A postura que o jogador adota, seja dentro ou fora dos gramados, evidencia que é necessário permanecer questionando e desconstruindo as expectativas impostas pela branquitude sobre os corpos e trajetórias de atletas negros no futebol.

Entretanto, é preciso a ciência de que o racismo é ardiloso, e como tal, utiliza-se de novas frentes de opressão. Por isso, além dos campos de futebol, a lógica de violência simbólica tem se reconfigurado em um espaço de maior alcance e repercussão: a internet. Nesse ambiente, o contínuo de ódio dirigido à raça negra não apenas persiste, mas se intensifica. Conforme dados do Instagram, 23% dos 105 jogadores brasileiros pertencentes a clubes de primeira divisão em países como Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Itália, durante a primeira temporada do ano de 2020, receberam mensagens de cunho racista, que vão desde figuras de animais, como macaco e gorila, até ofensas à cor da pele das mães dos jogadores e críticas aos cabelos deles.

O contato direto que a internet proporciona entre jogadores e agressores funciona como um espaço ainda mais intenso de violência, em que insultos direcionados à origem dos atletas se tornam uma forma de ataque interseccional, em razão de, ao xingar mães ou familiares, pessoas alheias ao desempenho em campo, os agressores, além de desrespeitarem os indivíduos, também reforçam estereótipos raciais históricos que associam a negritude à inferioridade, subalternidade e desumanização. Essa prática evidencia como o legado colonial ainda se manifesta nos dias atuais, afetando identidades e perpetuando estruturas de opressão que atravessam gerações.

Tal proximidade mostra que, entre os 105 jogadores distribuídos pelas cinco ligas espanholas, quase metade dos atletas brasileiros já enfrentou alguma forma de racismo virtual. Segundo Antumi Toasijé, presidente do Conselho de Eliminação da Discriminação Racial ou Étnica na Espanha, em entrevista à BBC News Brasil em 2023, a Espanha pode ser considerada um berço do racismo contemporâneo, pois insiste em afirmar sua branquitude histórica.

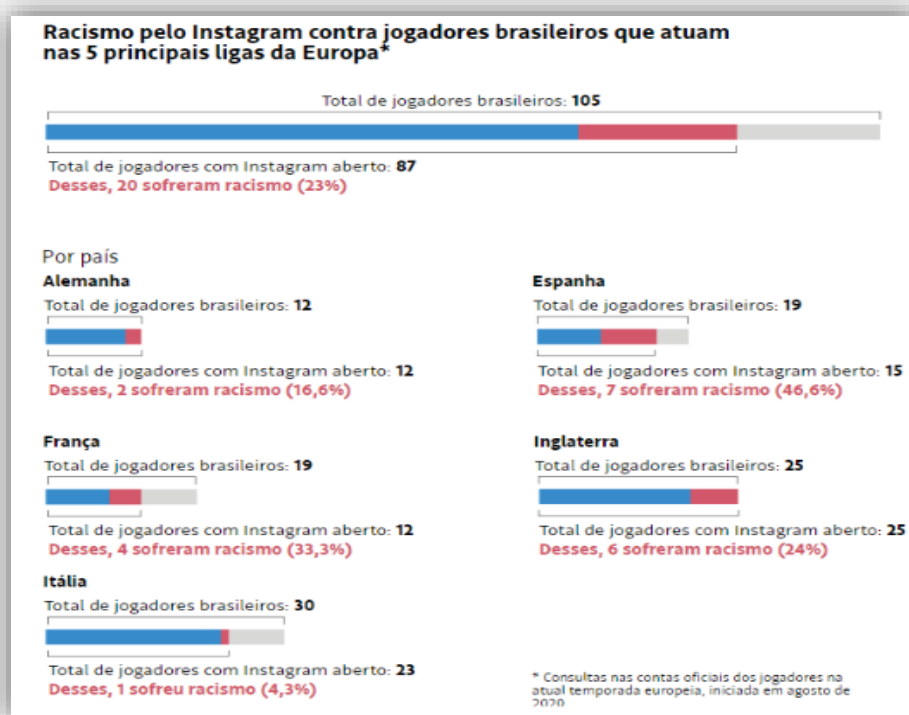


Fig. 2 - Racismo pelo Instagram contra jogadores brasileiros divulgado pela *Folha de São Paulo* em 2021. Fonte: *Folha de São Paulo*.

O desejo de provar a branquitude e uniformizar a cor da pele dos jogadores vem causando uma preocupação não somente com a mediação do racismo por torcedores desses clubes, como também pela possibilidade que, na era digital, as redes sociais oferecem para usuários interessados apenas em propagar e intensificar à rejeição as diferenças, mediante o envio de conteúdos que agridem essas vítimas no conforto de seus lares e a qualquer hora que os agressores desejarem.

Assim, os dados descritos pela Folha de São Paulo, demonstram que o futebol, espaço que deveria simbolizar integração e diversidade, acaba refletindo tensões históricas e sociais permanentes, haja vista que a tentativa de reafirmação identitária branca, como apontado por Antumi Toasijé, revela um padrão de exclusão que ultrapassa o campo esportivo e se infiltra nas relações cotidianas, especialmente contra estrangeiros racializados.

As redes sociais, que deveriam funcionar como espaços íntimos de celebração, interação e compartilhamento de conquistas com fãs, amigos e familiares, têm se transformado em ambientes hostis e violentos para jogadores negros. A promessa de conexão e reconhecimento é substituída por um contínuo de ridicularizações e ataques racistas, alimentados pela falsa sensação de anonimato e impunidade que essas plataformas oferecem. A agressão, nesses espaços, torna-se ainda mais direta e incisiva, porque os agressores se sentem legitimados a agir sem consequências, protegidos por perfis falsos e pela negligência das próprias redes em coibir discursos de ódio. Essa dinâmica revela como o racismo contemporâneo se adapta às tecnologias digitais, convertendo ambientes de sociabilidade em instrumentos de exclusão e sofrimento.

A persistência do racismo no futebol, especialmente em países como a Espanha, revela que os estádios deixaram de ser apenas espaços de competição esportiva para se tornarem arenas onde disputas simbólicas sobre pertencimento, identidade e poder são travadas diariamente. Quando há ataques contra Vinícius Júnior, ou outros jogadores brasileiros negros, há um reflexo do medo de que a diversidade desestabilize privilégios antigos, e por isso, a resistência desses atletas se torna um ato político que busca a real democratização do esporte e a luta contra à lógica da exclusão.

Portanto, o combate ao racismo no futebol é uma das batalhas mais urgentes do nosso tempo, por isso não pode se restringir a punições pontuais ou a notas de

repúdio que se perdem com o tempo. Ele exige uma revisão profunda das estruturas sociais, esportivas e midiáticas que ainda sustentam discursos discriminatórios. Mais do que denunciar, é preciso construir uma cultura de responsabilização e reparação. Afinal, a presença de jogadores negros nos gramados do mundo é uma afirmação de que o futebol não será um espaço de diversidade, enquanto corpos negros forem humilhados por ousarem reexistir.

A tentativa de apagar ou deslegitimar corpos negros nesses espaços opera simultaneamente como expressão de intolerância e como estratégia de manutenção de estruturas históricas que se sentem ameaçadas pela presença daqueles que rompem padrões impostos pela branquitude. Quando jogadores negros são alvos de ataques racistas, trata-se, então, de uma forma de negar sua humanidade, sua trajetória e seu direito de ocupar posições de destaque, refletindo o medo da branquitude de que a diversidade desestabilize privilégios arraigados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar expor como imagens de controle e representações racistas ainda estruturam práticas de exclusão no futebol contemporâneo, especialmente no que se refere à atuação e à visibilidade de jogadores negros como Vinícius Júnior, nota-se que esses atletas continuam sendo alvos de discursos e ações desumanizantes que remontam a estereótipos coloniais, atualizados e disseminados tanto nos estádios quanto nas redes sociais. Tais ataques não se limitam a manifestações isoladas de preconceito, mas revelam a persistência de uma lógica racista profundamente enraizada nas instituições esportivas e nas dinâmicas globais de poder.

Assim, evidencia-se que o futebol, principalmente europeu, longe de ser um espaço neutro ou apenas de entretenimento, é também palco de disputas simbólicas e políticas, onde corpos negros ainda precisam lutar para serem reconhecidos em sua humanidade e competência. Contudo, ao mesmo tempo em que são alvos de violências, esses jogadores protagonizam formas potentes de reexistência, rompendo com os silenciamentos impostos e afirmando, com sua presença e desempenho, o direito de pertencerem a esses espaços.

Ademais, evidencia-se a urgência de reflexões que mobilizem a sociedade a repensar não apenas o racismo no futebol, mas também as estruturas históricas, políticas e culturais que o sustentam e o reproduzem. Tal cenário reafirma a necessidade de ações educativas, políticas e institucionais que ultrapassem respostas pontuais e emergenciais, assumindo um compromisso efetivo com a transformação estrutural das práticas sociais. Isso implica investir em programas de formação antirracista, na revisão crítica de políticas esportivas e midiáticas, bem como na implementação de mecanismos de responsabilização capazes de inibir e combater manifestações racistas em qualquer esfera. Mais do que medidas punitivas, trata-se de fomentar mudanças profundas na cultura esportiva e social, reconhecendo o futebol como um espaço privilegiado para a promoção de igualdade, respeito e valorização da diversidade.

* * *

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Fábio. **Linguística aplicada transviada**: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar. Campinas, SP: Pontes Editora, 2023.
- BUENO, Winne. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução por Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CHEIBUB, Lucas. Carvalho. Cultura em campo: entre o elitismo e a popularização do futebol (1897-1938). **Revista Cantareira**, UFF, São Paulo, v. 2, n. 27, p. 95-103, 2019.
- DUARTE, Fabíola. **Leitura e semiótica**: uma análise acerca dos marcadores sociais da diferença e imagens de controle em livros didáticos de língua portuguesa. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino). UFPB, João Pessoa, 2023.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução por: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HORA, Giovanna. D. O racismo no futebol brasileiro: o negro limitado as quatro linhas do campo. **Revista Averso**: Pensamento, Memória e Sociedade, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2023.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NASCIMENTO, France Willian; SANTOS, Andréa. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro: uma luta antirracista para além do campo de futebol. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, v. 6, n. 1, p. 7-17, 2023.

'Não foi 1ª, 2ª ou 3ª': 10 vezes em que Vini Jr. foi vítima de racismo na Espanha. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c729gypd570o>.

MEDEIROS, Amanda. Racismo e injúria racial no futebol brasileiro: um olhar sobre o impacto da informação no esporte. Brasília. **Monografia** (Bacharelado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, UnB; 2017.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras**: a conquistado do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

SHIGUERU, Gabriel. Okabe; SCHWAMBAC, Cornélio. O esporte como uma forma de superação dos atletas com necessidades especiais. **Anais Simpósio de Pesquisa e Seminário de Iniciação Científica**, v. 9, n. 2, 2025.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política**, São Carlos, v. 1, n. 42, p. 221-4. 2009.

* * *

Recebido em: 1º jun. 2025.
Aprovado em: 21 ago. 2025.